

E SE REPENSARMOS

AS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO?



Redes por la Diversidad, Equidad y Sustentabilidad A.C.
La otra banda No. 2
Col. San Ángel
C.P. 01000 Ciudad de México
comunicacion@redesac.org.mx
www.redesac.org.mx



Você é livre para copiar, distribuir e divulgar publicamente esta obra, assim como para fazer trabalhos derivados. Sob as seguintes condições: Você deve reconhecer a autoria da obra nos termos especificados pelo autor ou licenciante. Você não pode utilizar este trabalho para fins comerciais. Se você alterar, transformar ou criar uma obra a partir desta, você só poderá distribuir a obra resultante sob uma licença igual a esta.

Autores: Daniela Parra Hinojosa e Carlos F. Baca-Feldman
Fotos internas: Karla Velasco Ramos, Daniela Parra Hinojosa e María Álvarez Malvido
Projeto editorial: Mónica Parra Hinojosa
Tradução: Lia Martins Torres Bernardes

A publicação deste guia é possível graças a contribuição da Associação para o progresso das comunicações (APC) e da Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (SIDA).

Cidade do México.
Primeira edição 2020
Tradução portuguesa 2021



Redes por la
Diversidad, Equidad
y Sustentabilidad A.C.



R H I Z O M A T I C A



CITSAC
Centro de Investigación en Tecnologías
y Saberes Comunitarios



CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	1
Por que este guia?	1
Com quem desenvolvemos estas propostas metodológicas?	3
METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA A CRIAÇÃO DE PROJETOS DE	
COMUNICAÇÃO	4
Qual é o objetivo desta metodologia?	4
Passo 1: O solo que pisamos	7
Passo 2: Qual será nossa estratégia de comunicação?	8
Passo 3: As TIC como ferramenta no projeto de comunicação	12
Celebrar e refletir: reiniciar constantemente o ciclo	13
DESENHO PARTICIPATIVO DE UMA INTRANET COMUNITÁRIA	14
Qual é o objetivo desta metodologia?	15
Passo 1: A Intranet na estratégia de comunicação	17
Passo 2: Desenho da interface	19
Passo 3: Desenho do plano	22
UMA PROPOSTA DE CAMINHO A SER COMPARTILHADA	24

INTRODUÇÃO

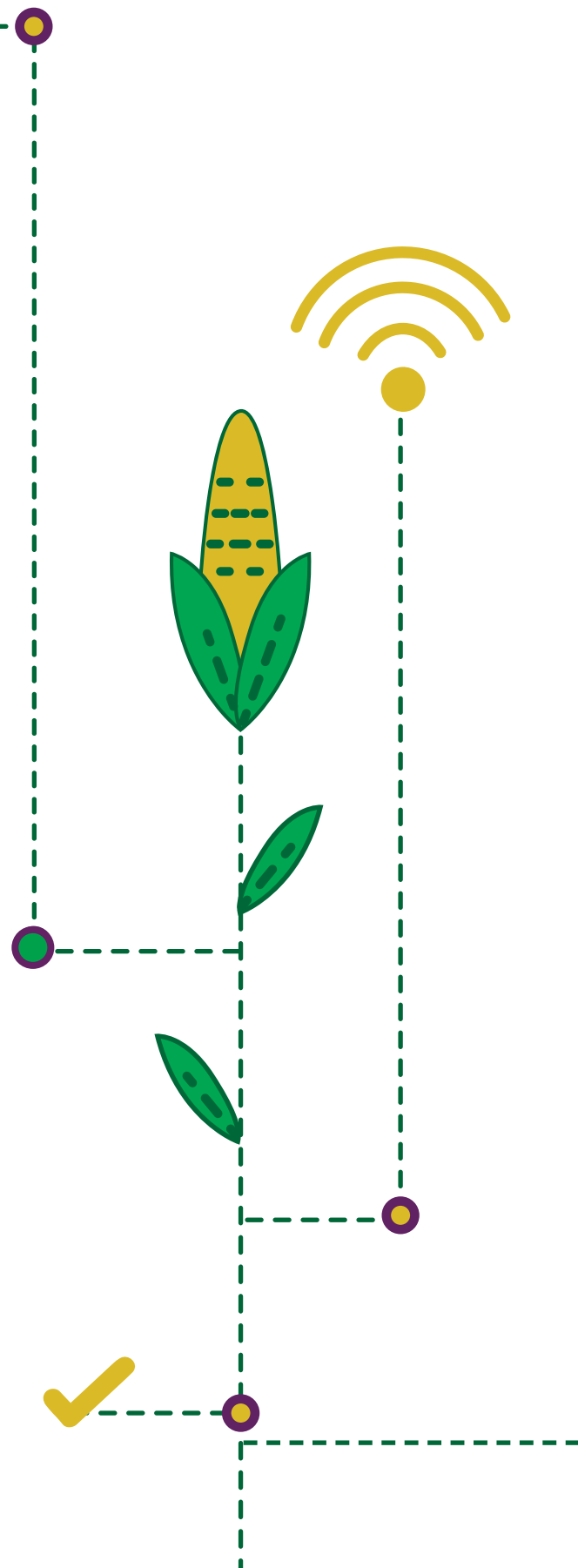
POR QUE ESTE GUIA?

O guia metodológico que você tem em suas mãos é o resultado de um processo de Pesquisa de Ação Participativa (IAP) que nos permitiu, como REDES A.C., juntamente com comunidades indígenas e rurais, refletir sobre a forma como um projeto de comunicação, conectividade e uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é proposto.

Fugindo do fascínio que prevalece em nossa sociedade para assumir as tecnologias como ferramentas que por si só resolvem diferentes problemas sociais, optamos por compreender as implicações que estas têm quando inseridas em um determinado território e contexto. Acreditamos que é necessário dar um passo atrás para analisar como estas tecnologias modificam a forma como nos relacionamos e olhamos para o mundo, bem como as consequências que elas têm em termos sociais, econômicos e ambientais.

Reconhecemos as TIC como ferramentas que não são neutras e que foram criadas por interesses particulares e para fins específicos, principalmente para o consumo, que são contrários aos planos de vida das comunidades. No decorrer de nossa jornada, nos deparamos com inúmeros projetos de comunicação e telecomunicações que muitas vezes não são sustentáveis ao longo do tempo porque não estão totalmente ligados às necessidades e sonhos das comunidades nas quais são desenvolvidos.

Mas também nesta caminhada descobrimos, graças a uma longa jornada feita por organizações, coletivos e pessoas comprometidas com processos de comunicação nas comunidades, que as tecnologias também podem ser ferramentas aliadas para a preservação da vida comunitária, desde que estejam inseridas nos valores e processos de comunicação da comunidade, sejam pensadas de forma crítica e apropriadas a partir de um processo participativo e constantemente reflexivo.



Em colaboração com muitas organizações e comunidades, nos comprometemos a encontrar mecanismos para transformar as tecnologias, para apropriá-las e utilizá-las com base nos princípios da comunidade; bem como para saber como escapar delas, afastar-nos quando necessário e ser capazes de mitigar os riscos que elas implicam em nossas vidas. Sentimos que, desta forma, podemos tecer coletivamente um caminho para a autonomia tecnológica.

Para as comunidades com as quais temos trabalhado, a conectividade não é um fim em si. Ela serve para instrumentalizar um projeto de comunicação que ajude a fortalecer a identidade, a autonomia, a defesa do território e da vida, entre outros objetivos. Isto envolve identificar um modelo tecnológico que contribua para a realização de objetivos e sonhos comunitários.

Sob esta consideração, apresentamos aqui duas propostas metodológicas que permitam às comunidades, com base em seus princípios, necessidades, sonhos e prioridades, identificar tecnologias úteis e desenvolver projetos de comunicação participativos e sustentáveis, de acordo com suas formas organizacionais. Estas tecnologias são tecidas com outras ferramentas de comunicação, tão diversas o quanto a nossa criatividade alcance.

Primeiro, a **metodologia participativa para a criação de projetos de comunicação** é uma proposta para pensar o caminho a seguir na concepção e implementação de projetos de comunicação nas comunidades. Este esquema está em constante construção e de forma alguma pretendemos estabelecer um modelo rígido e único para estes processos; se assim fosse, estaríamos caindo no erro que queremos evitar. Na verdade, este é um convite para dar um passo atrás, para evitar pensar em projetos de comunicação mediados pela tecnologia como um fim, mas sim estratégias de comunicação que acompanhem as comunidades na solução de suas necessidades e na construção de seus sonhos.

Nós não inventamos a roda. Esta metodologia é a forma pela qual sistematizamos as aprendizagens das experiências de comunicação e telecomunicações comunitárias e indígenas que lançaram as bases para um panorama muito rico da diversidade de vozes, tecnologias, formas organizacionais e objetivos a serem seguidos através do uso das ferramentas de comunicação.

Também compartilhamos a proposta de uma série de passos para o **desenho participativo de Intranets comunitárias**. Este guia foi elaborado com base na sistematização de projetos sobre o uso das TIC, nos quais as comunidades decidiram que desejaram criar um banco de conteúdo que possa ser acessível a todas as pessoas que vivem em seus territórios através dos dispositivos eletrônicos disponíveis, sem necessariamente com acesso à Internet. Em geral, esta é uma estratégia para selecionar conteúdo relevante e compartilhar conteúdos próprios, onde cada comunidade decide o que quer compartilhar ou quais informações quer acessar através de uma rede local.

Assim como em outros tipos de projetos de comunicação, as Intranets precisam da participação constante da comunidade, desde o projeto da plataforma até a instalação da infra-estrutura e sua posterior operação. A proposta que apresentamos se baseia nestes princípios. Deve-se enfatizar que estas etapas que sugerimos não só são aplicáveis a este tipo de projeto, mas também podem ser úteis em situações em que se decida fazer uso de outras tecnologias de comunicação.



De maneira geral, ambas as propostas metodológicas compartilham a idéia de que a tecnologia não deve ser o centro do projeto comunitário a ser desenvolvido, mas sim a oportunidade para criar comunidade. Da mesma forma, partimos da noção de que a principal característica das experiências de comunicação comunitária é a importância dada ao **processo organizacional e reflexivo** que acompanha a criação e consolidação do projeto, e não apenas o desenvolvimento de produtos e materiais para sua divulgação.

COM QUEM DESENVOLVEMOS ESTAS PROPOSTAS METODOLÓGICAS?

Este guia é possível graças à contribuição de muitos colegas com os quais temos colocado em prática esta proposta metodológica desde 2012. Somado a isso, há um histórico e amplo campo de experiências em comunicação e telecomunicações indígenas e comunitárias que compartilharam numerosas aprendizagens a serem levadas em conta.

Outra de nossas grandes inspirações para este trabalho são as mulheres comunicadoras que tomaram em suas mãos não apenas os cabos e os ferros, mas também a direção de seus projetos de comunicação. Elas nos fazem ver que a tecnologia não é apenas um assunto para especialistas ou homens, e que todo projeto de conectividade deve ser pensado a partir de, com e para as mulheres.

Queremos agradecer àqueles e aquelas que fizeram parte desta jornada: o Coletivo Ik'ta K'op de Abasolo, Chiapas, a comunidade de Guadalupe Ocotán, Nayarit, e as e os participantes do Curso em Telecomunicações e Radiodifusão Comunitária para Promotoras e Promotores Técnicos Indígenas Techio Comunitario, ao Centro Universitario del Pueblo Xhidza (CEU-Xhidza) de Santa María Yaviche, Oaxaca, a Multimedia Jënme'ëny de Santa María Tlahuitoltepec Mixe, Oaxaca, a Ojo de Agua Comunicación, a Rede de Comunicadores Boca de Polen, a Xamoneta Colectivo de Cherán K'eri, Michoacán, a Unión de Cooperativas Tosepan de Cuetzalan, Puebla, ao Conselho Regional Indígena de Cauca (CRIC) e as comunidades Pueblo Nuevo e Buenos Aires em Cauca, Colombia, as pessoas e organizações que fizeram parte do Semillero de Redes Comunitarias del Abya Yala, tanto no México como na Argentina, especialmente a Telecomunicaciones Indígenas Comunitarias A.C., AlterMundi, Colnodo, CooLab e Instituto Bem Estar y la Asociación para el Progreso de las Comunicaciones (APC).

Há muitas pessoas, comunidades e organizações com as quais tivemos a sorte de propor, refletir, retroalimentar, tecer e fortalecer o que apresentamos aqui. É importante dizer este guia está inacabado, está sempre prestes a ser reinventado e enriquecido. Sinta-se à vontade para revisá-lo, colocá-lo em prática, questioná-lo e compartilhar conosco suas dúvidas e contribuições. No final do guia você encontrará nossas informações de contato.

METODOLOGIA PARTICIPATIVA

PARA A CRIAÇÃO DE PROJETOS DE COMUNICAÇÃO

Qual é o objetivo desta metodologia?

Esta metodologia desenvolve um processo de reflexão coletiva para a concepção e implementação de estratégias de comunicação, mediada ou não por tecnologias. Parte do território da vida, da identidade, das necessidades e dos sonhos de cada comunidade ou coletivo.

O esquema aqui apresentado é o resultado do aprendizado compartilhado no Curso em Telecomunicações e Radiodifusão Comunitária para Promotores Técnicos Indígenas Techio Comunitario . Este processo de treinamento é parte de uma pesquisa participativa que começamos em 2012 em colaboração com organizações e indivíduos dedicados ao treinamento em comunicação indígena no México. Desta forma, definimos juntos a necessidade de criar e implementar um programa de treinamento focado na capacitação, o que permitiria às comunidades tecer seus próprios caminhos em direção à autonomia tecnológica.

Apesar de sabermos que é um pré-requisito indispensável partir de uma escolha de tecnologias relevantes para o desenvolvimento de projetos de comunicação, ainda tínhamos uma forte tendência que não nos deixava olhar para a necessidade de mudar o ponto de partida para escapar do determinismo tecnológico.

¹ Pode conhecer mais <https://techiocomunitario.org/> e ver os vídeos das primeiras duas gerações de graduados neste curso: <http://bit.ly/2tM1B5b> e <http://bit.ly/35S98gP>

Foi no primeiro módulo da primeira geração, desenvolvido em 2016, que entendemos com mais detalhes cada uma das etapas e estratégias aqui apresentadas. Até aquele momento, nossa referência para a escolha de tecnologias relevantes era o método percolador, desenvolvido por Kim I. Mallalieu y Sean Roche (2007)², onde apontam que, para realizar este processo, três elementos devem ser considerados: estilos de vida, tipos de usuários e o ambiente físico.

Nessa ocasião foi Jaime Martínez Luna³ quem nos fez compreender que esta metodologia não teria um ponto de partida claro e adequado. Ele nos disse: “está baseado na

precisávamos mudar a maneira como olhamos para as tecnologias e sua incursão a fim de gerar processos que estejam verdadeiramente ligados aos objetivos e sonhos de cada comunidade.

Pouco a pouco, e graças às múltiplas partilhas com pessoas ligadas ao *Techio Comunitario* e outras experiências de comunicação, esta metodologia foi se transformando até se conformar como é apresentada neste guia. Como Erick Huerta mencionou, a nova proposta de escolha de tecnologias que, a partir do pensamento comunitário, parte do território, trabalho e festa provou ser eficaz, abrindo um “número infinito de possibilidades para atender às aspirações e desejos da comunidade através de projetos de comunicação”. Mas não o faz a partir de uma idéia de desenvolvimento, mas faz surgir essa idéia da existência ancestral em um território e da necessidade de continuar desfrutando a vida nele.”⁵

Abaixo, você encontrará infográficos que mostram as linhas gerais desta metodologia. Mais tarde, você poderá ler a explicação de cada passo e os elementos que o compõem.



Semillero* de Redes Comunitarias del Abya Yala. Cherán K'eri, Michoacán, México.

visão ocidental, eu penso, logo, eu existo e nós primeiro somos e não somos sozinhos. Somos junto com a terra que pisamos, com o céu, as árvores, nosso território; logo, trabalhamos e fazemos com os outros, com nossas mãos, em nosso tequio* e celebramos, cantamos”⁴. As palavras de Jaime nos fizeram perceber que

*Sementeira: um tipo de curso inicial, rápido, intensivo e abrangente para técnicas de redes comunitárias.

² Mallalieu, K. y Roche, S. (2007). *Seleccionando Soluciones TIC Sustentables para la Intervención Pro-Pobre*. IRSI.

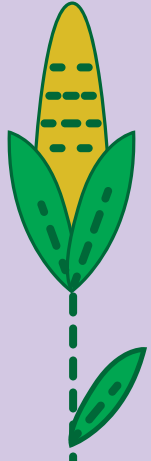
³ Jaime Martínez Luna é um pensador, antropólogo e compositor originário de Guelatao de Juárez, Oaxaca. É um dos impulsionadores da Comunalidade como sistematização do modo de vida dos povos originários das serras de Oaxaca.

*Tequio: uma forma de trabalho comunitário para o benefício de todos.

⁴ Martínez Luna em Huerta, E. “Aprendizajes en la elección de tecnologías para Pueblos Indígenas”. *Comunicares.org*. <http://bit.ly/2egBrPx>

⁵ Huerta, E. “Aprendizajes en la elección de tecnologías para Pueblos Indígenas”. *Comunicares.org*.

O SOLO QUE PISAMOS



TERRITÓRIO DA VIDA

- pessoas
- cultura
- espiritualidade
- geografia
- biodiversidade

IDENTIDADE

- língua
- vestuário
- tradições
- festas
- música
- trabalho
- etc.

QUAL SERÁ NOSSA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO?

O QUE ESTÁ ACONTECENDO CONOSCO? >>>

Quais são as nossas necessidades, problemas e fraquezas como comunidade?

O QUE SONHAMOS PARA NOSSA COMUNIDADE? >>>

ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

Como vamos realizar o sonho coletivo?
Como nos organizaremos para realizá-lo?

PROJETO(S) DE COMUNICAÇÃO

Quais ferramentas precisamos?
Quais tecnologias podem nos servir?

Se as TIC forem escolhidas

O SOLO QUE PISAMOS

Quais são nossos pontos fortes?



REFLETIR/
AVALIAR

CELEBRAÇÃO

APLICAÇÃO/
IMPLEMENTAÇÃO



TIC COMO FERRAMENTAS NO PROJETO DE COMUNICAÇÃO

1 ANÁLISE DA TECNOLOGIA

dependendo do que queremos fazer

3 USO E APROPRIAÇÃO

Treinamento e articulação com pessoas usuárias

5 CELEBRAÇÃO

6 REFLEXÃO E AVALIAÇÃO

2 EXPLORAR OPÇÕES

Por exemplo: uso proprietário ou livre; manutenção de equipamentos, condições meteorológicas, etc.

4 IMPLEMENTAÇÃO

7 INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA A CRIAÇÃO DE PROJETOS DE COMUNICAÇÃO

PASSO 1: O SOLO QUE PISAMOS

Longe de se concentrar na instalação de redes de Internet, rádios comunitárias ou qualquer outro tipo de comunicação mediada pela tecnologia, a base desta metodologia está na exploração e análise das características culturais, territoriais, organizacionais, políticas, econômicas e sociais de cada comunidade.

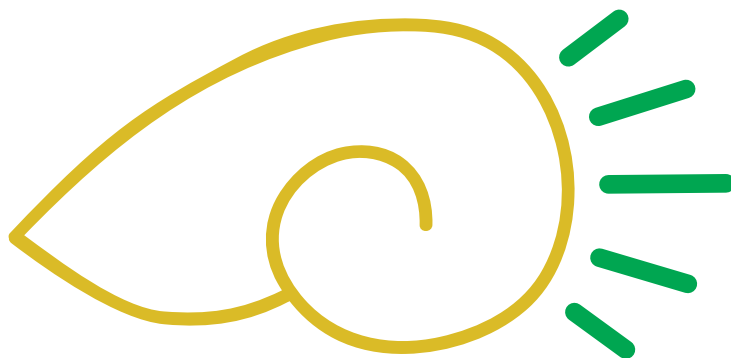
Portanto, o primeiro passo é fazer uma análise detalhada de como é o **território da vida** que habitamos. Isto tem a ver com geografia e biodiversidade, mas também com as pessoas que habitam o território, sua cultura, história e espiritualidade. Por outro lado, se define a **identidade** que compõe cada povo: sua língua, vestuário, tradições, festivais, música, trabalho e outros elementos que parecem relevantes.

Se trata de uma **narrativa coletiva** que pode dar conta de toda a riqueza do solo que se pisa e do tecido de relações que o compõem. Isto pode ser contado através de histórias, mapas, desenhos, apresentações teatrais ou qualquer outra forma que as pessoas encontrem para expressar e plasmar sua história. O importante é que ela seja o mais rica e detalhada possível.



Desenhando o território. Popayán, Cauca, Colômbia.

PASSO 2: QUAL SERÁ NOSSA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO?



É muito importante enfatizar que, embora esta estratégia possa nos levar a projetos de uso e apropriação das TIC, em muitos casos as estratégias de comunicação necessárias podem nos levar por outros caminhos. Por exemplo, se pensarmos que a estratégia é recuperar o uso dos espaços públicos, seria o mais conveniente desenvolver uma rádio ou uma rede comunitária? Provavelmente não. Talvez o mais pertinente seria limpar o campo de futebol e usar o local para um torneio, ou pensar em realizar um cineclubes na praça da comunidade. Desta forma, os objetivos propostos na estratégia de comunicação serão alcançados.

Uma vez analisados todos estes elementos, começamos a passar por um **ciclo** composto de elementos-chave que nos permita gerar um projeto de comunicação que pode - ou não - resultar no uso e apropriação das TIC com base em necessidades reais e concretas.

Mas vamos dar mais alguns passos atrás. No primeiro momento da nossa jornada, retomamos a narrativa e a análise prévia do território e reconhecemos os **pontos fortes** de cada comunidade.

No momento seguinte, colocamos sobre a mesa os **problemas** ou situações que cada comunidade ou coletivo está passando. Algumas perguntas que ajudarão a trabalhar esta parte são:

- ✓ O que está acontecendo conosco?
- ✓ Quais são as nossas preocupações?
- ✓ Que pontos fracos identificamos?
- ✓ Onde precisamos nos fortalecer como uma comunidade?
- ✓ Quais são as necessidades da nossa comunidade?

Uma vez localizados estes problemas e necessidades, é fundamental identificar e nomear os sonhos que temos para a comunidade e o território. Se reconhecermos tudo o que nos torna fortes, assim como o que nos enfraquece e nos preocupa, então é hora de nos perguntarmos: **o que sonhamos para nossa comunidade?** Este sonho pode ser de curto, médio e/ou longo prazo.

É importante que os sonhos sejam escritos e/ou desenhados no tempo presente. Plasmá-los como algo que já está acontecendo, nos permite senti-los próximos e como algo possível, não importa quão grandes ou difíceis de alcançar. Alguns exemplos de sonhos plasmados em oficinas que desenvolvemos são:

- *Nós inculcamos histórias e tradições, bem como a língua materna às novas gerações.*
- *Deixamos de lado o egoísmo e o individualismo para o benefício da comunidade.*
- *Continuamos habitando os territórios de nossos antepassados de forma autônoma.*
- *Promovemos nossa visão de mundo e fortalecemos o cooperativismo e a identidade.*

A resposta a estas perguntas nos levará a compreender o que está acontecendo em nossas comunidades com base em sua história e contexto, bem como a complexidade do presente que procura ser transformado e o horizonte que é traçado para ser construído.



Contando nossos sonhos. Pueblo Nuevo, Cauca, Colombia.

A partir daí, podemos avançar para a definição de uma **estratégia de comunicação**. A estratégia é o caminho que escolhemos para construir o sonho coletivo, por isso é pensado de forma ampla, sem ainda citar as ferramentas com as quais ele será realizado.

Uma estratégia de comunicação procura aumentar os pontos fortes e diminuir os pontos fracos de cada comunidade. Aqui estão alguns exemplos:

- **Fortalecer a cultura para a sobrevivência de nossos povos.**
- **Preservar nosso meio ambiente e proteger a natureza para recuperar o território.**
- **Comunicar nossas raízes indígenas para o fortalecimento da memória comunitária.**
- **Praticar a economia social e solidária através de projetos de vida com liberdade e autonomia.**
- **Recuperar os espaços públicos da comunidade e reavivar os laços pessoais que se devem a estes espaços.**

Ao definir a estratégia, também discutimos como nos **organizaremos** para realizá-la. Neste ponto, definimos alguns papéis e responsabilidades de cada ator para identificar, assim como certos passos, ações ou táticas que terão que ser realizadas para implementar nossa estratégia.

ATENÇÃO!

Um erro comum é pensar que a estratégia de comunicação é o uso de alguma ferramenta ou tecnologia. Por exemplo, se o sonho é de uma *língua materna revitalizada*, a estratégia de comunicação não pode ser *instalar uma rádio comunitária*, mas tem que ser pensada como mais do que uma ferramenta. A estratégia pode então ser a de *fortalecer a oralidade nas novas gerações*.

Desta forma, o projeto de comunicação pode ser a instalação de uma rádio comunitária, mas também o uso de outras ferramentas como um *mural comunitário*, *ciclos de leitura*, *clubes de conversação*, *a tradução de canções populares*, *teatro participativo*, etc.

Neste sentido, uma estratégia pode ter mais de um projeto de comunicação e tecnologia. A constante pergunta sobre **o propósito** de uma ferramenta ou TIC nos ajuda a diferenciar um projeto de uma estratégia de comunicação.

Quando temos uma estratégia clara, podemos ver os **projetos de comunicação** e, no caso específico, **o uso e apropriação das TIC** que farão parte dela. Nesta parte, fazemos uma análise das ferramentas ou tecnologias de informação e comunicação de que precisamos e que podem ser úteis para nós.

Como mencionamos, a utilização desta metodologia poderia gerar processos sem a necessidade de utilizar ferramentas de comunicação tecnológica. Por exemplo, houve casos em que o resultado de uma estratégia escolhida, como a de fortalecer os laços comunitários, foi a decisão de limpar um campo de futebol e realizar um torneio na comunidade.

Caso pensemos que é necessário incorporar ferramentas tecnológicas, é importante nos perguntarmos constantemente se essas tecnologias estão respondendo aos problemas e necessidades levantados acima.

Em ambos os casos, com ou sem o uso das TIC, para propor um projeto de comunicação, será necessário **definir um plano de trabalho** para poder implementá-lo. Algumas questões que podem ajudar nesta tarefa são:

- ✓ **Quais objetivos queremos atingir?**
- ✓ **Que medidas vamos tomar para cumprir nossa estratégia?**
- ✓ **Quem estará envolvido?**
- ✓ **Quem são nossos aliados neste processo?**
- ✓ **De que recursos precisamos?**
- ✓ **Quando vamos fazer isso?**



Desenhando uma estratégia de comunicação. Cherán K'eri, Michoacán, México.



PASSO 3: AS TIC COMO FERRAMENTA NO PROJETO DE COMUNICAÇÃO

Uma vez feito este plano, se o resultado do processo identificar a necessidade do uso de uma TIC para responder à estratégia que foi projetada, então as seguintes etapas são sugeridas:

1 Definir se o que você deseja criar é um projeto de comunicação ou acesso à informação e, com base nisso, analisar criticamente as diferentes tecnologias que poderiam ser apropriadas. Por exemplo, se na comunidade a estratégia é recuperar os vínculos com pessoas fora do território, então precisamos de uma tecnologia de comunicação, uma rede de telefonia celular poderia ser um projeto que ajudaria a cumprir esta estratégia. Por outro lado, se a estratégia é fortalecer nossos próprios processos educacionais através do uso de materiais educacionais

de outras comunidades, o que precisamos é de uma tecnologia que facilite o acesso à informação. Neste caso, uma rede comunitária de Internet e/ou Intranet poderia ser útil.

2 Avaliar cada uma das opções tecnológicas existentes, levando em consideração se são de uso livre ou proprietário, quais são os custos para este equipamento, se requerem manutenção especial, as condições geográficas e climáticas da comunidade, se há pessoas com as habilidades necessárias para operar este equipamento, se é necessário fazer parceria com uma organização para obter estas habilidades, etc.

3

Fazer um plano de capacitação das pessoas para operar e gerenciar as redes ou mídias selecionadas, assim como para as pessoas que irão utilizar essas tecnologias.

A esta altura, teremos a base de nossa estratégia de comunicação e do projeto de comunicação e/ou TIC. É aqui que a implementação começa.



Celebrar e refletir: reiniciar constantemente o ciclo

Uma vez que os projetos projetados tenham sido implementados e estejam avançando em sua jornada, é essencial reservar um momento para celebrar a realização do projeto que foi selecionado e realizar uma reflexão e avaliação do mesmo.

A **celebração** nos permite compartilhar a alegria do que estamos fazendo com nossa comunidade, nos encoraja e nos lembra as razões pelas quais estamos promovendo nosso projeto, oferecendo nosso trabalho à terra e à vida.

Por outro lado, após celebrar e trabalhar, torna-se necessário refletir e avaliar o escopo do projeto, as dificuldades encontradas, os progressos realizados, os resultados esperados e inesperados, entre outras coisas. A diretriz para reflexão e avaliação será se o projeto está sendo parte da estratégia proposta e do sonho traçado coletivamente. A avaliação servirá ou para continuar, melhorar e inovar, ou para repensar a estratégia e renovar os caminhos a seguir.

A frequência com que é avaliada dependerá dos sonhos, objetivos e prazos previamente estabelecidos. Pode ocorrer a cada 6 meses, um ano, dois anos ou cinco anos. O importante é refletir e avaliar constantemente sobre os processos e projetos que estão sendo promovidos.

Todo este processo funciona como um ciclo. Uma vez avaliados os projetos implementados, voltamos ao ponto de partida, voltamos ao chão que pisamos, nosso território, identidade, necessidades e sonhos, nos perguntando novamente que estratégias seguir e que projetos implementar. Assim, o ciclo é reiniciado para melhorar o mesmo processo ou detonar criativamente novos processos.

DESENHO PARTICIPATIVO DE UMA INTRANET COMUNITÁRIA



Qual é o objetivo desta metodologia?



Esta proposta metodológica procura identificar as potencialidades de uma Intranet comunitária⁶ de acordo com as necessidades de comunicação e informação da comunidade e como ela pode ser articulada com uma estratégia de comunicação comunitária existente.

Também oferece um ponto de encontro entre tecnologia e pessoas, permitindo o projeto coletivo de uma interface e a categorização do conteúdo que responde a necessidades previamente identificadas. Finalmente, contém o desenho de um plano de trabalho para a sustentabilidade da Intranet da organização comunitária.

A implementação desta metodologia ocorre quando se decide que o projeto TIC a ser desenvolvido dentro de uma estratégia de comunicação é uma Intranet comunitária. Entretanto, algo importante a ser levado em conta é que esta metodologia não foi projetada apenas para o caso das Intranets, mas **pode ser aplicada em diferentes projetos de comunicação nas comunidades**.

O desenvolvimento desta proposta vem das contribuições de diferentes experiências que nos ajudaram a repensar a conectividade através da implantação de redes comunitárias de acesso à Internet e Intranets que nascem de princípios comunitários e formas organizacionais autônomas⁷.

Uma das referências mais importantes é a Intranet comunitária Ya J'noptik desenvolvida pelo Coletivo Ik' ta K'op y la Intrabach⁸, ambas de Abasolo, Chiapas. Acrescentamos também as experiências que aconteceram no desenvolvimento das Intranets de Santa María Yaviche y Santa María Tlahuitoltepec, Oaxaca, Guadalupe Ocotán, Nayarit⁹ e Cherán K'eri, Michoacán.

Uma das experiências mais significativas que alimentou este texto foi o encontro no **Semillero de Redes Comunitarias del Abya Yala** em Cherán K'eri em Junho de 2019. Os participantes das duas gerações do Techio Comunitario, assim como outras organizações e coletivos, colocaram esta metodologia em prática e foram alimentados por uma partilha que envolveu não só a reflexão, mas também o lançamento da Intranet Xamoneta da comunidade de Cherán¹⁰.

Esta metodologia procura envolver a comunidade no projeto e, através do diálogo na criação e implementação do projeto, refletir criticamente sobre o que está acontecendo na comunidade e a forma como os vínculos podem ser tecidos ou consolidados para abordar os problemas e realizar os sonhos que são estabelecidos. Com isto queremos reafirmar que, nas experiências de comunicação comunitária e indígena, **o processo na geração e aplicação destes projetos é normalmente mais importante do que o produto final**.

⁶ Uma intranet comunitária é um repositório de conteúdo local que funciona como um portal cativo antes do acesso de uma rede Internet ou de forma independente, para que possa funcionar com ou sem acesso à Internet. Também armazena conteúdos e materiais locais que são relevantes e pertinentes a cada comunidade.

⁷ Você pode rever a definição de redes comunitárias derivadas do primeiro Cumbre Latinoamericana de Redes Comunitarias em 2018: <http://bit.ly/2MpndKZ>

⁸ Para mais informações, pode consultar: <http://intrabach.org/>

⁹ Mais informações sobre estes processos em: <https://www.redesac.org.mx/intranets>

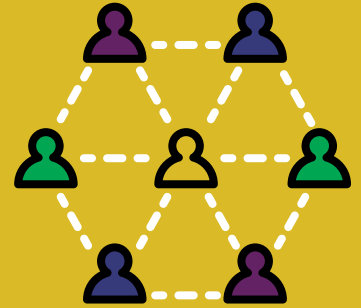
¹⁰ Aquí pode ver um vídeo deste encontro em: <http://bit.ly/36NbzBn>

DESENHO PARTICIPATIVO DE UMA INTRANET COMUNITÁRIA

A INTRANET

NA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

- Objetivos da Intranet
- Atores comunitários envolvidos
- Necessidades sentidas à ser atendidas
- Processos comunitários à ser fortalecidos



DESENHO

DA INTERFACE

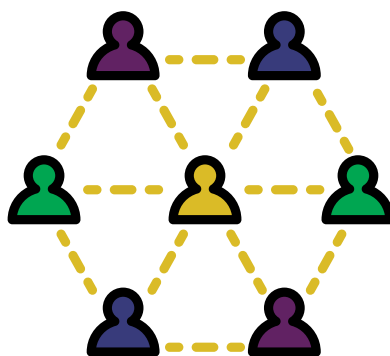
- Desenho da interface
- Conteúdos
 - Classificação / catalogação
 - Produção / criação
- Acesso à internet
- Proteção de informação

DESENHO

DO PLANO

- Princípios comunitários
- Regras de uso ou diretrizes
- Organização interna e sustentabilidade
 - Áreas de trabalho
 - Pessoas responsáveis
- Estratégia para divulgar
- Cronograma de trabalho
 - Passos, tempos, recursos





PASSO 1 A INTRANET NA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

O ponto de partida no projeto da Intranet é ter clareza sobre o lugar desta ferramenta dentro da estratégia de comunicação previamente projetada com a ajuda da metodologia participativa para a criação de projetos de comunicação.

Se a matriz não foi concluída, é importante voltar e analisar as características da comunidade, necessidades, problemas e sonhos a fim de refletir se o projeto da Intranet realmente responde a uma necessidade sentida.

Para plasmar sobre o lugar que a Intranet terá na estratégia, revisaremos e colocaremos em cima da mesa os elementos da estratégia de comunicação que foi concebida anteriormente, destacando os sonhos, objetivos, ações, responsáveis, aliados e tempos. Com isto em mente, vamos definir os objetivos da Intranet. Alguns exemplos de objetivos que foram definidos em outras oficinas são:

- **Fortalecer a cultura comunitária através da geração de conteúdos próprios.**
- **Ser uma alternativa de entretenimento consciente para todos os setores da comunidade.**
- **Fortalecer os processos de aprendizagem e educação da comunidade.**
- **Preservar e difundir o conhecimento da comunidade.**

Uma vez definidos os objetivos, podemos colocar quem são os **atores** que estarão envolvidos ou relacionados direta e indiretamente com o projeto e definir como será essa relação. Estes atores podem ser, por exemplo, cooperativas, grupos de médicos tradicionais, autoridades comunitárias, artesãos, orquestras ou uma rádio comunitária. Estas são as pessoas ou grupos que permitirão a sustentabilidade da Intranet, seja usando-a, apoiando-a economicamente, alimentando-a com seu próprio conteúdo, etc.

Através deste mapeamento de atores e relacionamentos, o objetivo é poder olhar para as **necessidades** que a Intranet servirá, bem como os **processos** comunitários aos quais ela dará crédito ou fortalecerá. Lembremos que esta é uma ferramenta de comunicação que se soma a um processo comunitário.

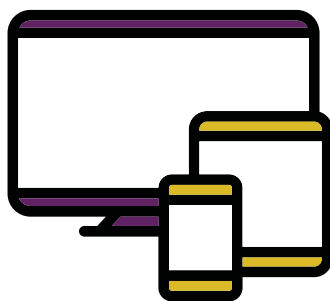
Estas são algumas perguntas orientadoras que são respondidas nesta primeira fase:

- ✓ *Quais são os objetivos de nossa Intranet?*
- ✓ *A quem se destina?*
- ✓ *Que atores estarão ligados a ela e como?*
- ✓ *Quais necessidades atenderá?*
- ✓ *Quais processos fortalecerá?*

Para responder a estas perguntas, podem ser usados mapas, diagramas, desenhos, tabelas ou listas. Cada grupo encontrará a melhor maneira de plasmar e organizar estas informações.



"Nossa Intranet" na estratégia de comunicação. Santa María Yaviche, Oaxaca, México.



PASSO 2 DESENHO DA INTERFACE

Uma vez localizado o lugar da Intranet dentro da estratégia de comunicação, o próximo passo é dar vôle à imaginação e moldar um ideal de como a interface de nossa Intranet poderia se parecer através de um desenho.

Este desenho normalmente mostra uma “home page” ou portal cativo, mas também define as seções principais e a divisão das subseções e conteúdos. É importante notar que este projeto ideal pode ser modificado visualmente de acordo com as possibilidades técnicas que existem no momento da conclusão.

Este exercício procura detalhar o máximo possível como cada **seção** seria chamada, que **conteúdo** teria e em que **formato** cada tipo de conteúdo é encontrado. Fazer uma lista de cada seção, subseção e conteúdo, também nos permite diferenciar os conteúdos que já estão protegidos e classificados em algum lugar, os que estão dispersos e precisam ser reunidos, os que existem mas não sabemos onde estão, e os que precisam ser criados e produzidos.

Quando desenhamos nossa Intranet pela primeira vez, é importante pensar nas pessoas de nossa comunidade, como imaginamos que elas interagem com ela, que cores são representativas, que palavras ou frases ressoam em nosso território, etc. A interface tem que estar próxima aos códigos culturais e à visão do mundo de nossa comunidade. É por isso que em alguns casos optamos por nomear as seções na língua materna para representar uma temática de forma mais clara.

Abaixo, um exemplo de como pode-se organizar esta informação:

SEÇÃO	CONTEÚDOS	FORMATO	DISPONIBILIDADE SIM (S) NÃO(N) DISPERSOS (?)
QUEM SOMOS?	Descrição do coletivo	.doc	S
	História	.png	
	Princípios comunitários		
	Regas de uso		
	Contato		
JORHENTPERAKUA (EDUCAÇÃO EM LÍNGUA PURÉPECHA)	Descrição	.odt .jpg	S
	Livros sobre a comunidade	.pdf	S
	Projeto educativo	.pdf	?
	Experiência educativas da comunidade (<i>a definir com professores das escolas</i>)		N

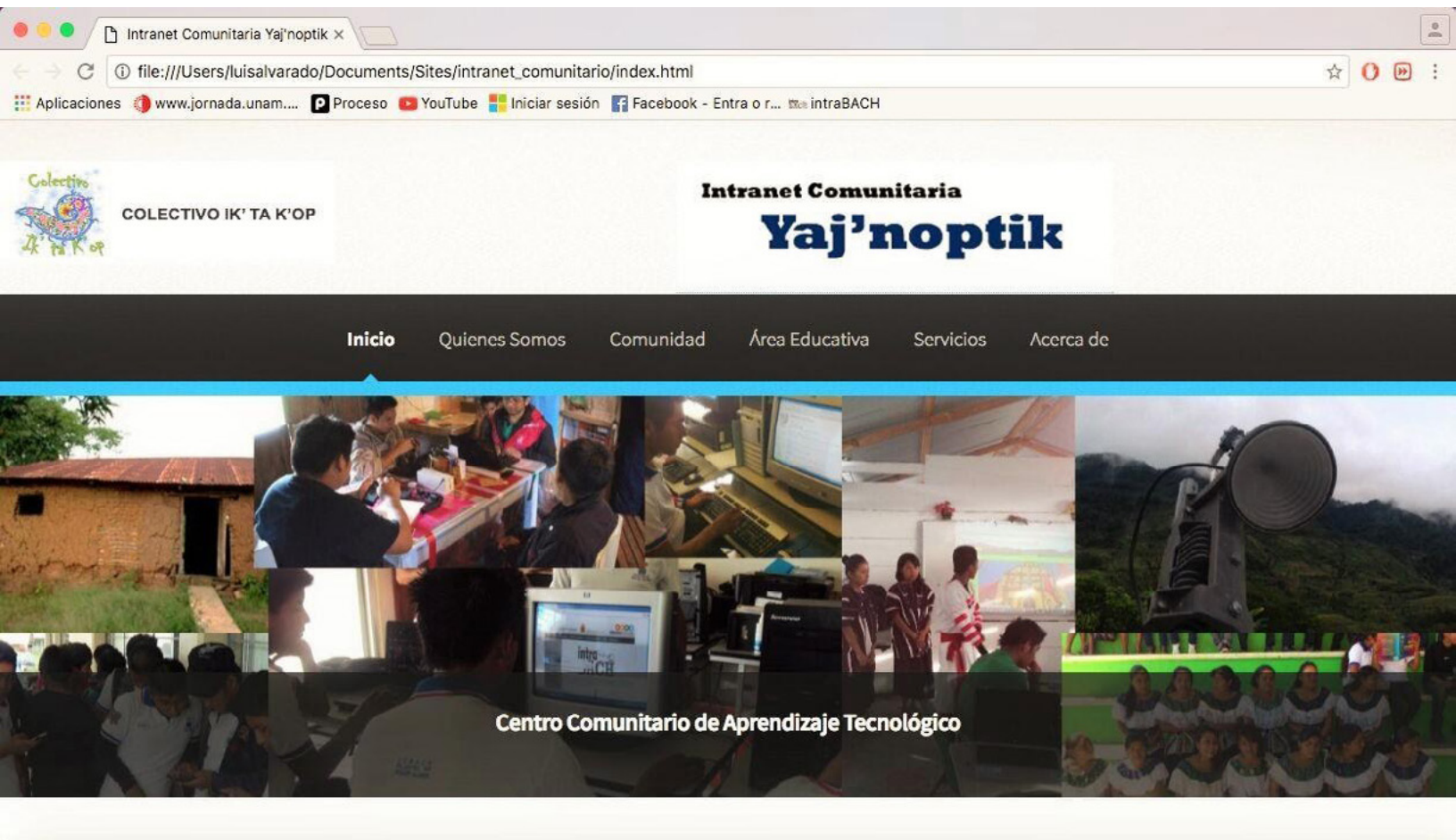
Neste momento também estamos refletindo sobre qual conteúdo queremos ter acesso aberto ou limitado, se estamos pensando em uma Intranet para acesso apenas dentro do território ou se haverá alguma porta para a Internet. Um ponto central a ser discutido será a forma como as estratégias de segurança e proteção podem ser geradas para os dados e informações encontrados na Intranet, bem como o autocuidado para que a incursão tecnológica não prejudique o tecido comunitário.

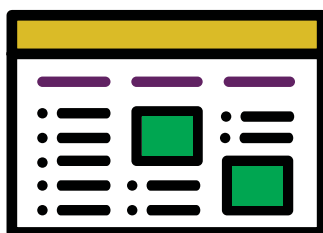
Estas são algumas perguntas-guia que serão respondidas na segunda fase:

- ✓ *Como imaginamos e/ou sonhamos que seja a nossa Intranet?*
- ✓ *Que conteúdo será hospedado?*
- ✓ *Onde estão esses conteúdos?*
- ✓ *Como vamos obter o conteúdo existente?*
- ✓ *Como vamos produzir novos conteúdos?*
- ✓ *Como vamos organizá-los ou classificá-los?*
- ✓ *Como o conteúdo será acessado?*
- ✓ *Como vamos proteger as informações que estejam na Intranet?*

Para te inspirar compartilhamos com você um vídeo da Intranet da Comunidade Ik' ta K'op de Abasolo, Chiapas, México.

Acesse aqui: <http://bit.ly/34D0bqi>





PASSO 3

DESENHO DO PLANO

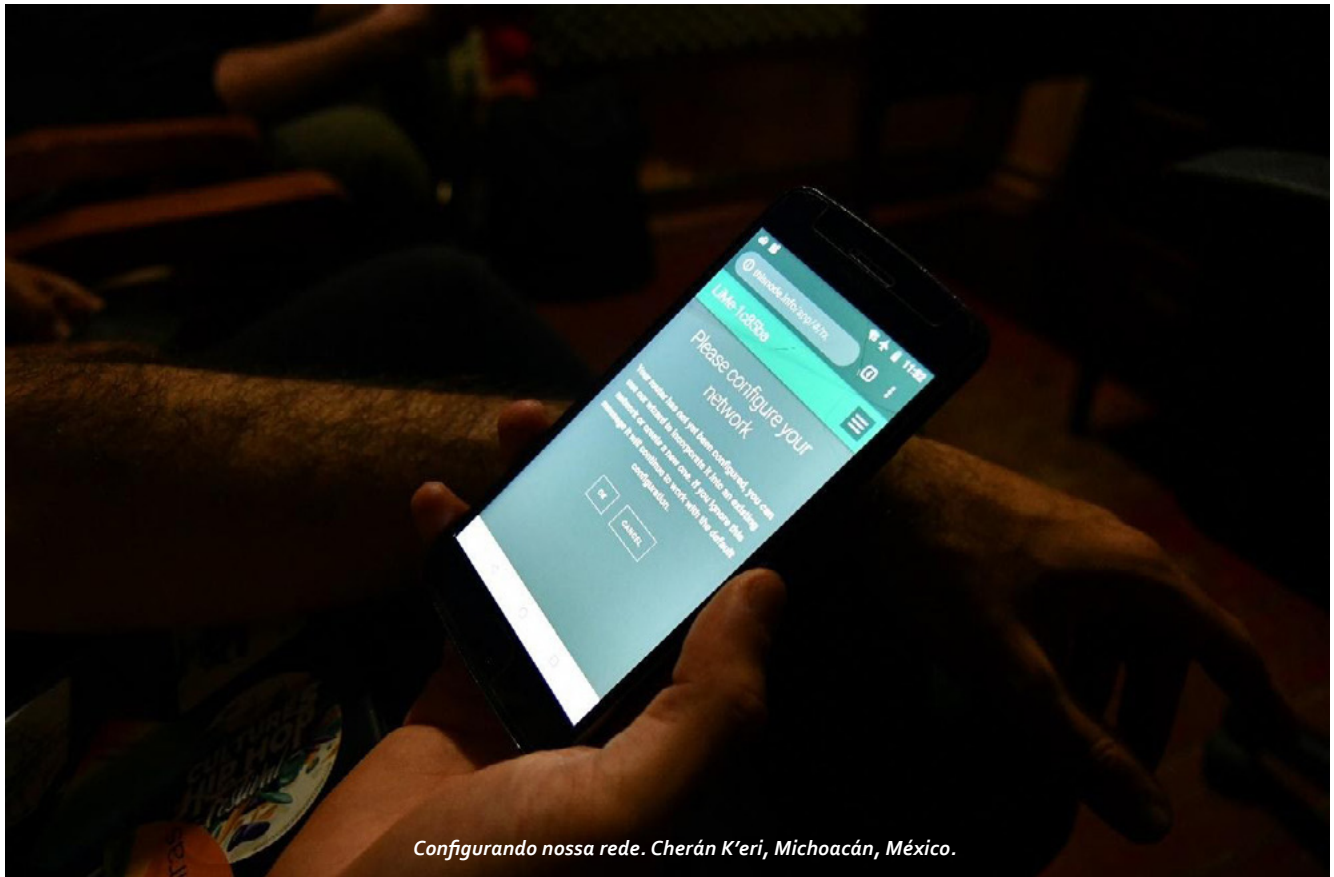
A terceira e última fase é o desenho do plano para implementar a Intranet. Neste momento, delinearemos os elementos que farão o projeto funcionar e procuraremos garantir sua sustentabilidade.

Isto implica estabelecer os **princípios comunitários** que nortearão seu desenvolvimento, definindo as **regras de uso**, diretrizes ou código de ética para a Intranet, as áreas de trabalho que permitirão seu funcionamento, **quem será responsável** e definindo os **passos, tempos e recursos** necessários para colocá-la em funcionamento. Outro ponto importante será definir uma **estratégia para divulgar** a Intranet, para que a comunidade possa conhecê-la e se envolver em seu uso e desenvolvimento.

Alguns dos princípios compartilhados por vários projetos da Intranet são reciprocidade, respeito, formas de trabalho colaborativo (como mano vuelta* ou tequio), diálogo, pluralidade e Boa Vida. Se estes princípios forem bem definidos e internalizados na concepção do projeto, então as regras de uso ou diretrizes são fáceis de estabelecer, executar e garantir, pois respondem às lógicas organizacionais que já moldam a vida nas comunidades. Aqui é importante lembrar como a vida tem sido historicamente sustentada em nossas comunidades, a fim de pensar em soluções que já são conhecidas e testadas.

Para esta última fase, as perguntas orientadoras são:

- ✓ *Quais princípios comunitários orientarão o desenvolvimento da Intranet?*
- ✓ *Quais serão as regras de uso ou diretrizes para a Intranet?*
- ✓ *Como podemos garantir o cumprimento destes princípios e diretrizes?*
- ✓ *Quais responsabilidades cada um dos atores envolvidos assumirá?*
- ✓ *Como vamos nos organizar para criar e sustentar a plataforma?*
- ✓ *Como vamos difundir a plataforma na comunidade?*
- ✓ *Quais etapas e tempos prevemos?*
- ✓ *De que recursos precisamos?*



Configurando nossa rede. Cherán K'eri, Michoacán, México.

Compartilhando saberes. Semillero de Redes Comunitarias del Abya Yala. Cherán K'eri, Michoacán, México.



UMA PROPOSTA DE CAMINHO A SER COMPARTILHADA



Em uma das oficinas para implementar esta metodologia, as pessoas que participaram - representando vários projetos de comunicação - foram perguntadas **como poderiam implementá-la em suas comunidades**. Consideramos valioso compartilhar neste guia as respostas, pois esclarecem alguns passos importantes a serem dados. Como você pode ver, estas etapas reúnem elementos tanto da metodologia para a criação de projetos de comunicação como do desenho participativo de intranets comunitárias:

- 1. Elaborar um primeiro esboço do plano de implementação da metodologia por uma equipe de pessoas que poderiam estar comprometidas com o projeto.*
- 2. Socializar a proposta e reunir os atores chave da comunidade.*
- 3. Realizar uma reunião com a comunidade na qual são seguidos os passos da metodologia participativa para a criação de projetos de comunicação, explicando o que é uma Intranet, estabelecendo os sonhos e necessidades da comunidade, assim como a estratégia de comunicação.*
- 4. Permitir que a comunidade decida, escolha o projeto de comunicação ou de TIC que deseja promover e se mobilize para organizar a equipe que desenvolverá o projeto, assim como os atores-chave que o acompanharão.*
- 5. Projetar um plano com os elementos descritos acima.*
- 6. Executar o plano, incluindo um processo de formação para aqueles que serão responsáveis pela operação da Intranet e para os usuários da plataforma.*
- 7. Realizar uma comemoração de lançamento ou inauguração do projeto.*
- 8. Estabelecer um prazo a médio prazo para a avaliação do projeto e a reestruturação do plano a ser seguido.*

As propostas metodológicas que compartilhamos neste documento não têm uma conclusão ou um encerramento. De fato, como mostrado nesta última seção, os processos que podem ser gerados e os mecanismos para alcançá-los estarão sempre em constante construção e resignificação. Nossa jornada tem sido uma busca constante para gerar as condições adequadas que permitirão às comunidades gerar e consolidar seus próprios projetos de comunicação, e nessa jornada também temos nos reconstruído a nós mesmos e a forma como pensamos sobre nosso trabalho.

Neste panorama, não queremos ver a comunicação apenas como uma coleção de materiais para divulgar nossos próprios materiais ou como uma forma de acessar as informações que existem atualmente sobre nosso mundo. Entendemos isso como um processo de constante reflexão sobre nossas realidades e tecendo coletivamente é que podemos atender nossas necessidades sentidas. Portanto, este é um convite aberto. Como dissemos acima, nossa intenção não era apresentar um modelo ou uma metodologia rígida, mas compartilhar com vocês algumas reflexões e técnicas que aprendemos com a experiência de muitas pessoas, coletivos e comunidades. Seus comentários e contribuições a este material enriquecerão ainda mais esta reflexão e a jornada em direção à autonomia tecnológica.



ENTRE EM CONTATO CONOSCO EM:

www.redesac.org.mx
comunicacion@redesac.org.mx
[@redesac_mx](https://www.instagram.com/redesac_mx)

www.rhizomatica.org
[@rhizomatica](https://www.instagram.com/rhizomatica)

www.citsac.org
contacto@citsac.org
[@CITSAC_](https://www.instagram.com/CITSAC_)



Redes por la
Diversidad, Equidad
y Sustentabilidad A.C.



CITSAC
Centro de Investigación en Tecnologías
y Saberes Comunitarios



RHIZOMÁTICA



**FORD
FOUNDATION**



APC
ASOCIACIÓN PARA
EL PROGRESO DE
LAS COMUNICACIONES



Asdi

AGENCIA SUECA DE COOPERACIÓN INTERNACIONAL
PARA EL DESARROLLO